

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A TEORIA DO VALOR-TRABALHO E AS CONTRADIÇÕES DO MERCADO DE CAPITAIS: UMA INTRODUÇÃO AO ENTENDIMENTO DA CRISE DOS *SUBPRIME* SOB A ANÁLISE MARXIANA

Pedro Henrique Dórea Vidotti¹; Jossel Borges Santos²; Davi Mendes Leite³

1. Bolsista PET/MEC-SESU, Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: pedrodoreav@gmail.com
2. Docente do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: josselborgessantos@gmail.com
3. Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: davimleite@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: teoria do valor-trabalho, contradições, crise financeira

INTRODUÇÃO

Depois da crise imobiliária dos anos 70-80, incentivou-se o financiamento de imóveis nos Estados Unidos através de passivos bancários, nos moldes do sistema de poupança, que viabilizam ativos de longo prazo, as hipotecas dos imóveis, não estimulando assim a participação das financiadoras privadas no ramo imobiliário. Com a finalidade de solucionar o problema foi permitida a negociação desses ativos no mercado financeiro internacional, e a partir daí surgiu um movimento especulativo de enormes proporções, fazendo com que a riqueza financeira crescesse numa escala maior do que a riqueza real. O problema se agrava quando é incorporada ao mercado uma grande quantidade de devedores subprime, ou seja, de elevado risco. Eram indivíduos que apresentavam, entre outras características, renda incompatível com as prestações, passado recente de inadimplência ou falta de documentação adequada (TORRES, 2008). É nesse contexto que ocorre o estouro da bolha imobiliária em julho de 2007, culminando na crise do subprime.

Recorrentemente a natureza real das crises no sistema capitalista são mascaradas através de análises que pouco conseguem enxergar além das suas formas de manifestação (Ribeiro, 2008). Assim o fenômeno é sempre tratado, ideologicamente, como um fato isolado na história, com um caráter inteiramente novo e inédito, sempre recebendo uma denominação diversa, relacionada à região ou o setor que mais afetou. Marx, caracterizando a crise capitalista como uma crise de superprodução produzida através das contradições contidas na forma de acumulação desse sistema, demonstra como periodicamente as crises de abundância surgirão para interromper o ciclo de acumulação e vislumbra a verdadeira natureza delas.

Considerando esse tipo de engano, seja por conta de confusões teóricas ou posições ideológicas, na investigação e constatação do conteúdo das crises capitalistas, ao mesmo tempo em que se é verificado um, não recente, descaso dos economistas modernos para com a teoria do valor, onde alguns chegam a ficar constrangidos com a mera lembrança do que, provavelmente, consideram o mais grave pecado de juventude da ciência que abraçam (Belluzzo, 1980), objetiva-se neste trabalho, através da análise da crise do subprime, demonstrar a importância da teoria do valor-trabalho para o entendimento das crises do capitalismo e o funcionamento deste sistema, e o erro em desprezar esse arcabouço teórico.

Partindo do que foi apresentado, este trabalho é composto por uma explanação sobre a trajetória da formulação da teoria do valor-trabalho por Marx, uma identificação e sistematização das formas teóricas da crise de superprodução apontadas por esse mesmo autor n' *O Capital*, um paralelo dessas formas com a crise dos subprime, e por último uma conclusão.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

MATERIAIS E MÉTODOS

Primeiramente o estudo faz uma revisão bibliográfica sobre a formulação da teoria do valor-trabalho por Marx. Depois se faz uma sistematização dos apontamentos que Marx faz na obra *O Capital* sobre as formas teóricas que a crise de superprodução capitalista pode assumir. Feito isso, se faz um contraste entre esses apontamentos e os dados referentes à crise dos subprime para se alcançar o objetivo do presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre comentadores e críticos da teoria do valor-trabalho, considerando aí também autores marxistas, pode ser encontrado recorrentemente a ideia de continuidade teórica entre as exposições feitas pelos clássicos e as, posteriormente, feitas por Marx, não se percebendo, assim, a transformação operada por este último na estrutura da teoria.

As formulações clássicas sobre o valor, feitas por Smith e Ricardo, partem do seu conceito mais abstrato, assumindo uma suposta naturalidade dentro da sociedade sendo expressada na troca, e estando dissociado até mesmo da mercadoria. Também ocorre o erro de se tentar encontrar uma determinação concreta dessa abstração reduzindo-a à medidas de unidades físicas.

Diferentemente, Marx inicia o debate sobre o valor se indagando sobre em que condições os produtos do trabalho assumem a forma valor, vislumbrando assim a importância do elemento mercadoria para a elucidação dos questionamentos tangentes à discussão. Consegue fugir também, deste modo, ao erro clássico de se refugiar na palavra preço.

Partindo então da mercadoria para fazer a sua investigação sobre a sociedade capitalista Marx vai, primeiramente, se ocupar da sociedade mercantil simples. O faz porque metodologicamente este último tipo de sociedade possibilita analisar a troca no seu estado puro, ou seja, as relações de produção só se apresentam na divisão social do trabalho, e também por poder tratar de categorias capitalistas ainda num estágio de formação histórica. Numa sociedade de produtores individuais, possuidores do produto e dos meios de produção o coletivo aparece como consumidor do trabalho. O trabalho despendido por cada produtor é contido como uma fração do trabalho total que a sociedade consome, transformando, através da troca, cada indivíduo que produz num órgão do trabalho social. O trabalho concreto se transforma em trabalho abstrato, o seu contrário, na medida em que se direciona ao coletivo.

Sobre o conceito de trabalho abstrato são apresentados na literatura crítica da teoria do valor-trabalho uma série de enganos, motivadores da concepção metafísica, e pejorativa, da teoria. A maioria dos enganos são originados da incapacidade de compreender o peso que a transformação do trabalho concreto em abstrato tem para o entendimento de como o capital se apropria do produto do trabalho e torna essa apropriação natural no contexto social. A partir disso se critica aqui o tipo de economista que trata com descaso, e mesmo desprezo, a teoria do valor elaborada por Marx. É neste sentido que se faz nesse artigo um esforço para entender a importância que tem a fundamentação da teoria marxista no conceito de valor-trabalho.

Ao investigar a crise de superprodução capitalista (capacidade crescente de produzir mercadorias ao mesmo tempo em que são criadas barreiras ao consumo) Marx inicia seus trabalhos justamente pela análise da mercadoria. Esta, anterior mesmo à sociedade capitalista, já traz consigo a contradição *Valor x Valor de Uso (VxVU)*, o primeiro par dialético apontado na obra marxiana. A evolução do capitalismo levou esta contradição a níveis muito mais elevados, pela necessidade que este tipo de sociedade tem de afastá-los na sua forma de apropriação privada da produção, que faz com que o produto do trabalho não se torne um valor de uso para seu possuidor. Para Marx é o afastamento desses pares dialéticos a principal manifestação teórica da crise.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Ainda numa sociedade de produtores individuais o dinheiro surge como ampliador da contradição interna à mercadoria, pois ao ser utilizado como representação do valor externaliza a contradição $VxVU$, criando também outra, *Mercadoria x Dinheiro* (MxD), através da nova relação $M-D-M$. O problema aí consiste em afastar os atos de compra e venda, deixando sempre o indivíduo na esfera da circulação, seja qual for a sua situação.

Ultrapassando a sua função de representação do valor da mercadoria, o dinheiro também vai passar a funcionar como promessa futura de pagamento, incentivando assim sucessivos atos de compra sem efetiva relação de valor, sendo que em algum momento essa relação necessitará ser efetivada. Ao aumentar a oposição MxD o dinheiro como forma de pagamento possibilitará a circulação de mercadorias sem um montante de dinheiro real equivalente.

Na relação de oposição *produção x circulação* reside uma nova forma de manifestação da crise capitalista. Marx aponta para as diferentes formas que o capital assume dentro da relação $D-M-D'$. Primeiramente na esfera da circulação, quando este vai buscar no mercado os meios de produção e a força de trabalho, depois na esfera da produção, onde ocorre a valorização desse capital através da combinação dos fatores, e por último novamente na esfera da circulação, com a finalidade de novamente se transformar em capital-dinheiro.

Através do surgimento do capital comercial essa contradição se amplia, passando a existir agora um grupo de capitalistas que só atuam na esfera da circulação. Isso vai gerar a ilusão de que pode ser gerado valor fora da esfera produtiva, o que Marx vai evidenciar que não, que esse valor gerado é simplesmente oriundo da produção. O problema da divisão do excedente entre produtores e comerciantes vai forçar a uma maior rotatividade do capital, ou seja, no momento em que os valores de uso ainda nem foram efetivados o capital comercial já adquiriu uma quantidade ampliada de mercadorias, forçando assim a produção também na forma ampliada.

Os atos produção e consumo na sociedade capitalista são afastados um do outro de forma drástica, sendo a apropriação privada ampliada da produção e a necessidade de valorização desse capital acumulado os maiores incentivadores desse afastamento. O ato de produzir recorre necessariamente num ato também de consumo, e o problema aparece quando a produção não está mais condicionada ao consumo, e sim o contrário, o consumo se subordina à produção. Pode ser vislumbrado o tamanho da problemática quando se é considerada toda uma rede de produção dividida em etapas. Tanto o capitalista não consome o que produz, e não produz necessariamente para consumir, quanto o trabalhador não pode consumir tudo o que produz.

Com o desenvolvimento do capital bancário e conseqüentemente o surgimento da mercadoria-capital a crise de superprodução vai se tornar uma necessidade, além de já representar uma possibilidade. Isso por ela, mais do que nunca, ter a função de unificar os pares dialéticos afastados pelas contradições do sistema e também a de ajustar toda uma escala de valores ampliados sem base na produção.

Se a contradição da produção x circulação tinha se ampliado com o surgimento do capital comercial, através do capital bancário e da mercadoria-capital vai tomar neste estágio proporções ainda maiores. O problema agora está na forma automatizada de D , incorporando o valor excedente da produção e buscando sua valorização isolada. Ou seja, o seu valor de uso se torna o de gerar lucro por si só. Isso vai se tornar possível com a criação do mercado de capitais atuando através da relação $D-D'$. A relação contraditória se agrava ao ser considerado que a mercadoria-dinheiro não se destrói realizando o seu valor de uso, o lucro, e volta ao mercado novamente, exercendo assim uma pressão da oferta sobre a demanda, esta que não tem como atender as necessidades da superprodução desse tipo de mercadoria.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A partir do que já foi apresentado sobre a crise do subprime e considerando as formas teóricas apresentadas por Marx n'O Capital, ao se cruzar o conjunto de informações depreende-se quase todo o corpo de contradições indicadas pelo autor no conteúdo e na manifestação dessa crise.

Começando a análise pelo fato de que os mortuários não conseguiram efetuar o pagamento da suas dívidas no tempo (futuro) efetivo é possível identificar aí a contradição do dinheiro como forma de pagamento com promessa futura. Possibilitando assim a circulação de mercadoria sem a circulação de dinheiro real. Outro ponto importante é a constatação de em algum momento o dinheiro precisa aparecer na esfera real, e aí que a crise se manifesta. Sendo que nessa observação pode ser notado também todo o corpo teórico da investigação da mercadoria e do dinheiro como criadores e ampliadores da contradição *valor x valor de uso*.

É observável também a atuação na realidade do capital bancário e do capital comercial criando e ampliando a contradição *produção x circulação* através da presença da mercadoria-dinheiro e da autonomização desta. Através da relação D-D' os ativos subprime se valorizaram a um montante não equivalente ao referente real, valorização esta ilusória que a crise se encarrega de ajustar.

Além de disso a contradição produção x consumo pode ser notada estruturalmente no contexto da crise.

CONCLUSÃO

A partir da análise da trajetória que a teoria do valor faz desde os clássicos até Marx, e considerando a importância que este último dá à investigação da mercadoria e das suas conseqüências na estrutura do sistema capitalista para formular a sua teoria sobre o valor-trabalho, ao mesmo tempo em que se nota a sua plena aplicação ainda na análise da crise do subprime, pode-se depreender o tamanho do erro em que os economistas modernos, principalmente os mais ortodoxos, caem em desconsideram a consistência da teoria do valor para a elucidação de questionamentos feitos dentro da teoria econômica.

REFERÊNCIAS

- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. 1980. Valor e capitalismo: um ensaio sobre a Economia Política. São Paulo: Brasiliense.
- RIBEIRO, Nelson Rosas. 2008. A crise econômica: uma visão marxista. João Pessoa: Editora Universitária.
- TORRES, E. 2008. "Entendendo a crise do subprime". Visão do Desenvolvimento, BNDES, n. 44.
- Marx, Karl. 1980. O Capital – Crítica da Economia Política. Livro I – O processo de acumulação do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.
- Marx, Karl. 1893. O Capital – Crítica da Economia Política. Livro II – O processo de circulação do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.
- Marx, Karl. 1980. O Capital – Crítica da Economia Política. Livro III – O processo global da produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.